

## Vaidade: puro egocentrismo ou necessidade humana?

Gustavo Gomes de Matos

Jornalista, pós-graduado em administração de recursos humanos e especialização em economia. Consultor de Comunicação Empresarial, com 18 anos de atuação em grandes organizações do setor privado. Professor universitário e conferencista de Comunicação Corporativa é autor dos livros 'A Cultura do diálogo', pela Editora Campus/Elsevier, e 'Comunicação sem complicação: como simplificar a prática da comunicação nas empresas', 2ª edição, pela Editora Manole. É autor, também, de obras institucionais, tais como: Visão de um empreendedor - na realização empresarial, uma razão de vida (Engemaq Indústria de Máquinas -RS); PUC - Rio 60 ANOS - uma história de solidez; e Décadas vitoriosas - a história dos 60 anos do SENAI.

A palavra vaidade origina-se do latim *vanitas*, que significa qualidade do que é vão fútil e ilusório. O dicionário Aurélio define vaidade como presunção, frivolidade e orgulho injustificado. No inconsciente coletivo da humanidade a palavra vaidade significa o desejo imoderado de atrair admiração, atenção, elogios e homenagens.

No íntimo de cada um de nós, a vaidade é um sentimento que simplesmente tentamos negar que sentimos. Para isso, muitas vezes, somos capazes de forçar atitudes de desprendimento, tentando nos convencer de que não somos fracos ou pobres de espírito ao ponto de ficarmos cultuando nosso ego como um deus. Um deus mundano e cheio de fraquezas, como os deuses gregos.

A vida é algo inefável que tentamos inutilmente compreender e explicar racionalmente. Tentamos em vão nos convencer de que para tudo há uma explicação objetiva e sensata. E por isso, quase sempre nos ferramos quando colocados frente a frente com fatos que vão além da nossa capacidade cognitiva. E o ego não aceita ser passado para trás. O ego quer satisfação, quer a concretude do reconhecimento alheio para a sua suposta beleza, força e inteligência.

Quando não conscientizados dos efeitos deletério da vaidade egocêntrica viramos protagonistas de situações ridículas e dos mais mesquinhos sentimentos. Nesse ponto, começamos a agir partindo do pressuposto de que tudo e todos nos devem permanente interesse e admiração. Uma coisa é certa, não podemos negar que o reconhecimento pelos feitos bem-sucedidos é algo que nos motiva a sempre buscar o aperfeiçoamento naquilo que fazemos.

Não quero entrar na ótica fatalista que afirma que a vaidade é uma fraqueza humana e pronto. Nem tampouco quero associá-la a uma questão fundamental de autoestima ou amor próprio. Gostaria de compreender de fato as razões e motivações que, muitas vezes, nos levam a agir de forma tacanha e limitada, inebriados pela presunção de acuidade intelectual.

Até o momento, não cheguei a uma conclusão. Sei apenas que a vaidade é um sentimento que me incomoda, seja quando identificada nos outros ou em mim mesmo. Encerro essa reflexão com algumas perguntas provocativas: será que o meu empenho em desenvolver esse texto não foi motivado apenas pela vaidade de me apresentar como um ser digno de atenção? Nesse caso, poderíamos considerar a vaidade como uma espécie de busca de sentido para a nossa existência?